

# O CORPO, AS IDENTIFICAÇÕES E O FIM DE UMA ANÁLISE: IR MAIS LONGE QUE O INCONSCIENTE

*Leonardo Barreira Danziato\**

## RESUMO

Partindo da ampla problemática das três identificações na obra de Freud, o autor percorre o último período da obra Lacan, especialmente os seminários “RSI”, *O Sinthoma* e “L’insu que sait de l’une-bévue s’aile a mourre”, para buscar as possíveis articulações e diferenças entre as três identificações freudianas, uma quarta identificação ao sintoma e a consequente invenção do *sinthoma*, como uma proposta para o fim de uma análise. Utilizando-se dos reviramentos da figura topológica do toro, e toda a lógica da incorporação contida no processo de identificação, busca demonstrar de qual forma a identificação do fim de uma análise consegue fugir à lógica comum das identificações que se sustentam na incorporação dos significantes do Outro (A). A identificação ao sintoma e a invenção do *sinthoma* possibilitam ao *Parletre* algo inédito, que permite escapar a algumas determinações do campo do Outro (A), indo mais longe que o inconsciente.

Palavras-chave: Corpo; identificações, sintoma, *sinthoma*

## THE BODY, THE IDENTIFICATIONS AND THE END OF AN ANALYSIS: GOING FURTHER THAN THE UNCONSCIOUS

### ABSTRACT

*Starting from the broad issue of the three identifications in Freud’s work, the author traverses the last period of Lacan’s work, especially the “RSI”, “Le Sinthome” and “L’insu que sait de l’une-bévue s’aile a mourre” seminars, in search of possible articulations and differences between the three Freudian identifications, the fourth identification to the symptom and the consequent invention of the sinthome, as a proposal for the end of an analysis. By using*

---

\*Psicanalista, Analista Membro da Litoral - Escola de Psicanálise; Professor Doutor Pesquisador do Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Universidade de Fortaleza.

*of the unfolding of the topological figure of the torus, besides the whole logic of incorporation of the identification process which it comprises, he aims to demonstrate that the identification of the end of an analysis dodges the common logic of the identifications that are based on the incorporation of the Other's (A) significant. The identification of the symptom and the invention of the sinthome enable the parlêtre something unprecedented that escapes the Other's (A) field, reaching further than the unconscious.*

*Keywords: Body; identifications; symptom; sinthome*

## **EL CUERPO, LAS IDENTIFICACIONES Y EL FINAL DE UN ANÁLISIS: YENDO MÁS ALLÁ DEL INCONSCIENTE**

### **RESUMEN**

*Partiendo de la gran problemática de las tres identificaciones en el trabajo de Freud, el autor cubre el último período del trabajo de Lacan, especialmente los seminarios “RSI”, “El Sinthome” y “L'insu que sait de l'une-bévue s'aile a mourre”, para buscar las posibles articulaciones y diferencias entre las tres identificaciones freudianas, una cuarta identificación del síntoma y la consiguiente invención del sinthome, como una propuesta para el final de un análisis. Utilizando los giros de la figura topológica del toro, y toda la lógica de la incorporación contenida en el proceso de la identificación, busca demostrar que la identificación del final de un análisis escapa a la lógica común de las identificaciones que se sustentan en la incorporación de los significantes del Otro (A). La identificación del síntoma y la invención del sinthome hacen de Parletre algo nuevo que escapa al campo del Otro (A), yendo más allá del inconsciente.*

*Palabras clave: Cuerpo; identificaciones, síntoma, sinthome.*

Um deslocamento fundamental da obra de Lacan dirigiu-se no sentido de dissolver uma rigidez da estrutura que desde Freud se manifestava na lógica edípica que situava a figura paterna como referência. Lacan buscou logicizá-la, retirando-a da condição religiosa da qual acusa Freud de a ter mantido. Em seu último ensino, ele se deparou com a insuficiência do nome-do-pai, do falo e da estrutura de linguagem como um todo, e buscou discorrer sobre as possibilidades de saber-aí-fazer uma suplência. Como diz Porge (1998), ele considerava que Freud teria forjado o complexo de Édipo a partir da sua pertinência à tradição judaica não analisada e, por isso, teria buscado dar consistência a um pai idealizado. Quando desenvolve sua

lógica “trinitária infernal”, Lacan busca com isso fundar a psicanálise sob outra coisa que não Édipo. (Koren, 2009, p. 279).

No âmbito desse deslocamento, a progressão das noções de corpo e gozo exigiram um distanciamento da ideia freudiana inicial da identificação ao pai como fórmula da estrutura. Até porque, como sabemos, o próprio Freud já havia se deparado com a insuficiência da identificação com o pai, na constituição de uma mulher. Os distanciamentos gradativos em relação a Freud que Lacan operou foram uma maneira de dissolver o que denominava de “caráter religioso” da psicanálise. No seminário “L’insu...” (Lacan, 1976-77) chega a afirmar que a psicanálise é uma fraude se se mantiver nesta condição de uma forma moderna da fé. A própria noção de inconsciente será, então, interrogada, já que seus principais operadores mudam: a função significante se desloca para uma “fixação” da letra, o saber do Outro transmuta-se para um *savoir-y-faire* com o sintoma, e o campo da linguagem se torna um barroco canto de *lalingua*.

Todas essas constatações levantam, então, uma questão impertinente: por que, depois de todos esses movimentos de ultrapassagem, Lacan retornaria a uma aparente problemática tradicional freudiana das identificações? Ele não só retorna às identificações, mas propõe mesmo um outro fim para uma análise. Se até então estabelecia o “atravessamento do fantasma” como esse trabalho final, a partir do seminário “O *sinthoma*” vai propor uma identificação ao sintoma e a produção do *sinthoma* como este fim.

Em uma das últimas lições do RSI (Lacan, 2002/1974-75) e no seminário 24 *L’insu qui sait de l’une beveu s’aile à mourre*, Lacan (1976-77) retorna às identificações freudianas, situando-as no ponto de *coincage*, ponto central do Nó borromeano, definindo-as como:

1. A identificação e a incorporação originária do pai como uma identificação ao real do Outro real;
2. A identificação ao traço, como uma identificação ao simbólico do Outro real;
3. A identificação com o sintoma e ao desejo do Outro, como uma identificação ao imaginário do Outro real.

Vai tratar dessas identificações a partir da lógica dos reviramentos da figura topológica do “toro”, para demonstrar que a incorporação do vazio do outro real é a operação de fundação da estrutura. O reviramento

do toro evidencia esse processo de incorporação do que está fora, para dentro, mesmo que abalizada por uma topologia moebiana, de maneira que a estrutura e as identificações neuróticas acompanham a lógica da incorporação e do reviramento dos toros.

Mas por que Lacan interpola, no âmbito dessa discussão, a problemática do fim da análise e propõe este fim através de uma quarta identificação ao sintoma? Vou tentar demonstrar que Lacan introduz essa outra identificação ao sintoma e a produção de um *sinthoma* como o fim de uma análise, exatamente para diferenciá-la da lógica neurótica da incorporação do reviramento. Ao contrário das outras identificações pelo reviramento que provêm de uma alienação no significante do Outro (A), a identificação ao sintoma vem a produzir algo novo e singular, da ordem do *sinthoma*, como uma outra nominação do real.

### AS TRÊS IDENTIFICAÇÕES FREUDIANAS

Freud (1921/2011) apresentou suas três modalidades da identificação em seu célebre capítulo VII da obra *A psicologia das massas e análise do Eu*, situando essa operação em um tempo originário e primordial para o nascimento dos símbolos e do sujeito.

Sugere, então, um primeiro tipo de identificação com o pai, anterior ao complexo de Édipo, na forma de uma incorporação curiosamente situada em um tempo precedente a qualquer escolha de objeto. Trata-se do primeiro formato da pulsão, a incorporação oral, aqui definida como primária. Essa mesma definição retornaria no texto “O Eu e o isso” (Freud, 2011/1923), para arrematar essa concepção como uma identificação primária com o pai.

Freud não deixa de sinalizar o caráter ambivalente desta incorporação, já que ela implicaria o próprio aniquilamento do objeto. Haveria, portanto, desde o início, uma participação ativa do sujeito no devoramento e na aniquilação do objeto. Obviamente que ele se referia ao modelo da refeição totêmica descrita em *Totem e Tabu* (Freud, 2012/1912-13), cuja digestão do pai originário deixaria um lugar simbólico vazio que possibilitaria uma adoração ao pai. Este pai morto, idealizado e incorporado canibalisticamente seria a condição originária

da constituição de um lugar vazio na cultura e na estrutura psíquica. Ressalto, para o que nos interessa, a relação entre o assassinato do pai, sua incorporação e o efeito de instalar um Ideal e um lugar vazio na estrutura.

Um segundo tipo de identificação é definido por Freud (1921/2011) como a identificação parcial com o traço da pessoa-objeto, e que estaria presente no processo de formação dos sintomas (p. 63). O ilustre exemplo da tosse de Dora, como efeito de identificação com a tosse do pai, já é canônico. Ele esclarece que, nesse caso, a escolha de objeto regrediria à identificação (p. 63), o que faz com que Lacan (2003/1961-62) a denomine de “identificação regressiva” (p. 68). Dessa forma, um traço do objeto é introjetado no Eu. Sobre essa segunda identificação, Lacan dedicou um dos seus seminários, quando a priorizou e a definiu como uma identificação ao significante e ao traço unário.

O terceiro tipo desconsidera totalmente a relação objetual, por se tratar de uma identificação através do sintoma, já que a sua intenção é se colocar na mesma situação que o Outro (Freud, 2011/1921, p. 64). Trata-se, portanto, de uma identificação histérica, com o desejo do Outro, ou como se costumou denominá-la, uma identificação ao sintoma. Como veremos, neste retorno às identificações em seus últimos seminários, Lacan vai isolar esta terceira identificação, exatamente pelo seu caráter de indiferença ao objeto (Laurent, 2016, p. 81), e utilizá-la como a via por onde vai retomar as outras duas.

No seminário sobre “A identificação”, nos anos 1961/1962, Lacan (2003/1961-62) desenvolve uma primeira abordagem dessa problemática das identificações. Preocupado em estabelecer a condição singular do sujeito, ele prioriza a segunda identificação, para defini-la como uma identificação com o significante e com o “traço unário”, tradução que propõe para o termo *Einziger Zug*, de Freud.

Em uma abordagem bastante original, Lacan esclarece que a identificação do sujeito não é com o Outro (A), mas com o significante, aqui entendido como o que suporta uma diferença e não uma igualdade. Essa operação implica, portanto, uma diferença, a marca de uma singularidade diante do Outro, que define o “traço unário”.

Esse traço “mágico” determina, ao mesmo tempo, a identidade e a diferença, ou uma identidade na diferença, e vai permitir a Lacan

argumentar contra a fórmula lógica  $A=A$ . Tomando o significante como essa pura diferença, ele vai demonstrar como o traço unário é o suporte de todos os significantes e que, exatamente por isso, possibilita a função sujeito em sua singularidade.

Estabelece ainda que a operação da identificação se funda no processo de privação originária, que podemos remeter à primeira identificação por incorporação. Para que haja singularidade, é necessário que se apresente uma falta no Outro –  $S(A)$  – o que faz com que ele demonstre toda a lógica da identificação a partir da relação do sujeito com a demanda e o desejo do Outro. Vai se utilizar da figura topológica do toro para ilustrar essa dialética.

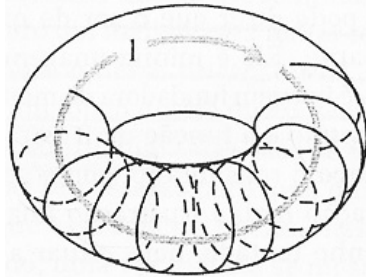


Figura 1. Figura topológica do Toro

Articulando o traço unário com a repetição, Lacan demonstra que as voltas do toro no circuito da demanda produzem uma outra volta não contada, que borda um vazio interno. Essa figura topológica, que pode ser representada por uma câmara de ar, apresenta dois vazios: um interno, que Lacan nomeia de “alma”; e outro, que ocupa o centro e é bordado por essa volta não contada, que é a volta do desejo. Vai defini-la como esse -1 da estrutura que possibilita a função singular do sujeito.

Utilizando-se também dos quadrantes de Pierce, demonstra como o sujeito se situa exatamente na negativa universal, ponto de vazio onde o sujeito pode emergir a partir deste -1 não subjetivado. Esse vazio da negativa universal equivaleria ao vazio da privação originária (Lacan, 2003/1961-62, p. 196), um vazio não subjetivado da estrutura, de onde se suporta o sujeito, que se apresenta como condição e efeito da entrada no campo da linguagem.

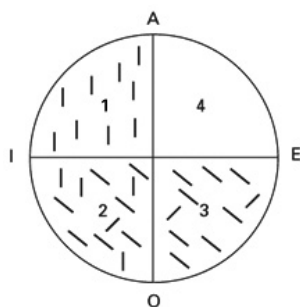


Figura 2. Os Quadrantes de Pierce

Esse vazio estrutural, inevitavelmente, nos remete à primeira identificação, já que é o que opera neste tempo originário de entrada no campo da linguagem. Mesmo tendo declarado que priorizaria a segunda identificação, recorrentemente Lacan (2003/1961-62) se refere à primeira. Chega a afirmar que o que se incorpora nesta identificação primária é o vazio do Outro (A), e isso produziria alguma coisa no nível do corpo (p. 224). Ele, contudo, não retira as consequências dessa constatação, e explica essa incorporação pela lógica do corpo místico como herança do pai (p. 225). E vai esclarecê-la por meio do abraço tórico, quando o círculo da demanda do Outro se superpõe ao vazio do desejo.

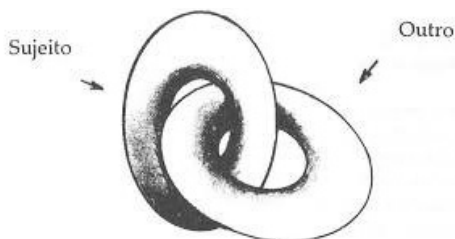


Figura 3. O Abraço tórico

## DA IDENTIFICAÇÃO À EQUIVOCAÇÃO

Ao promover o real ao centro da estrutura, Lacan termina por definir a dimensão do gozo como o campo do humano, assim como situa o

corpo como o outro do real. Essa direção produz uma mudança de regime que altera a própria concepção de inconsciente, do saber e da letra, ultrapassando o segundo classicismo dos matemas (Milner, 1996) e inaugurando a topologia dos nós.

Como efeito desse deslocamento, observamos uma ultrapassagem da concepção do inconsciente baseado na identificação e no saber enquanto lugar do Outro (A) com o qual o sujeito se identificaria, para um inconsciente sustentado por equívocos cujo modelo é *lalíngua*, o corpo do simbólico. Na minha leitura, considero que passamos da lógica do saber para uma lógica da suplência. Se o que se constata neste momento é a insuficiência da estrutura de linguagem, do significante, da significação, do nome-do-pai e do falo, para dar conta dos efeitos do real, esse saber insuficiente vai promover e exigir uma lógica suplementar da suplência (perdoem a redundância). Essa movimentação produz uma série de consequências clínicas, já que diante do *l'insuccés*, o insucesso do saber, devemos recorrer à invenção de uma suplência. O nó borromeu, o *sinthoma*, e o amor são respostas de Lacan à constatação desta insuficiência na clínica.

Acompanhando Lacan, podemos propor uma outra nomeação para esta última clínica, a do real. Como a entendo, não deixa de ser um “tratamento” dado ao real pelo simbólico e pelo imaginário, um tratamento nodal, mas o nome deste não é outro que não um “artifício de suplência”. Prefiro, então, denominá-la como uma “clínica da suplência”, pois o que podemos fazer na clínica, diante do real da estrutura, senão escrituras, invenções e nomações de suplência aos efeitos deste real? O que seria o *sinthoma*, senão isso? Deixo aí esta proposta.

Com a destituição do Outro (A), que não existe, assim como com a constatação dessa verdade do real de que “a relação sexual não existe”, o saber inconsciente fica interrogado. Toda uma problemática da relação entre o saber, a verdade e o gozo, indicando a impossibilidade da significação aqui se apresenta. A noção de saber faz crer que o Outro existe, que “ele sabe”, e isso, segundo Lacan (1976-77), é uma fraude (Lemosof, 2009, p. 344). A lógica da significação, que prometia que S1 chegava ao S2, é agora denunciada como uma fraude do sentido e do semblante. O saber, portanto, nunca logra encontrar um verdadeiro sentido, já que a relação sexual não cessa de não se inscrever, visto que o sentido ex-siste



ao real. Estamos aqui diante do que Lacan denomina do significante *tout seul*, que poderíamos traduzir por “tão só” – tão só como sempre esteve... Por isso mesmo, ele promove a ideia da estrutura de linguagem como um enxame, cujo significante em francês, *l'essaim*, é homófono de *S un*, ou seja, um enxame de S's 1, tão só, já que divorciados de S2.

Lembro que, desde o seminário “De um outro ao outro”, Lacan (2008/1968-69) demonstrou, a partir da lógica matemática do par ordenado, que no lugar de S2 que é equivalente ao Outro (A), o que encontramos é o objeto *a* ( $S \rightarrow a$ ). Não vou me deter nesta demonstração, apenas relembro este importante “detalhe”, já que esse deslocamento fará toda diferença para nosso entendimento sobre o retorno de Lacan às identificações.

Quer dizer: mais do que com um saber que se obteria através da cópula de S1 com S2, com o que temos que lidar agora é com o real do corpo em sua inóspita solidão diante deste gozo do corpo, esse primeiro parceiro-sintoma que suscita o deciframento dos equívocos de *lalingua*. O que se busca nesta solidão de S1 senão a grafia do gozo do corpo e do amor? Isso altera o regime das identificações.

Se a primeira concepção de inconsciente implicava a oposição entre significante e sentido, neste momento o significante parte de *lalingua* como um equívoco. Como diz Laurent (2016, p. 78), este equívoco de *lalingua* é o fundamento primário do inconsciente, sendo a linguagem já uma elucubração de saber sobre *lalingua*.

No título mesmo do seminário “*L'insu que sait de l'une-bévue s'aile à mourre*”, Lacan opera uma transliteração joyceana do termo “*une-bévue*”, fonologicamente semelhante com *Unbewusste*, termo alemão utilizado por Freud para nomear o inconsciente. Na verdade, o título inteiro desse seminário encerra uma equivocação de *lalingua* e indica um paradigma da interpretação lacaniana. A partir daí, o inconsciente/*Unbewusste* passa a ser concebido não unicamente como o lugar de um saber insabido, *l'insu*. Pois o *l'insu que sait*, o “insabido que sabe”, comporta um *l'insuccés*, um insucesso, um fracasso e, portanto, deste saber do inconsciente.

Esse jogo de letras de *lalingua* indica uma outra concepção do inconsciente, não mais entendido como o lugar de um saber, onde se poderia concluir uma verdade, já que essa operação é sempre um *l'insuccés*,

um fracasso. Mais do que um saber insabido – *l'insu* – o inconsciente/ *Unbewusste* comporta o gozo com a equivocação – *une-bévue* – de *lalíngua*, assim como a variedade da verdade, uma *verieté*. Lacan (1976-77) opera uma contração de *verité* com *varieté*, para produzir um novo significante a *verieté*, que podemos traduzir como “verdade”.

## A IDENTIFICAÇÃO NODAL E O TRISQUEL

Podemos, agora, voltar a nossa questão inicial, sobre o porquê do retorno às identificações, e acrescentar outra interrogação sobre a correlação entre essas três identificações freudianas e a quarta, a identificação ao sintoma.

Proponho apreciar uma resposta possível. A quarta identificação com o sintoma vem fazer uma suplência e uma correção às outras três, por meio da nomeação pelo *sinthoma*. Paradoxalmente, não se deve desconsiderar que o processamento dos três tempos da identificação, na constituição do vazio, do traço e do sintoma, sejam condições prévias e “his-tóricas” para a possibilidade de uma invenção sinthomática que, como sabemos, não é certo que ocorra. Para que isso advenha, é necessário que a estrutura seja sustentada por um vazio, que o corpo se estabeleça, que um traço borde este vazio e que o *Parletre* dê sua resposta ao *troumatisme* originário, na forma de um sintoma.

Como disse acima, a proposta radical de Lacan neste momento é que a análise faça o *Parletre* “retornar” ao *troumatisme* original, essa forclusão originária, para a partir daí inventar suas respostas, ou, como diz no Seminário 16, fazer cócegas no buraco do Outro (Lacan, 2008/1968-69). Proponho situarmos esse *troumatisme* originário no centro do Nó, especificamente no trisquel. O *parletre*, se situando neste buraco, onde Lacan dispõe o objeto pequeno *a*, pode bordá-lo, esvaziá-lo, evacuar o gozo do Outro que ainda permanecia aí obturando-o e fazer deste buraco sua toca. Pois, como afirma Ruiz (s/d), o homem é um animal de toca e, eu acrescento, o *parletre* é o seu inquilino. Daí a importância da topologia.

Quando Lacan (1974-75/2002) surpreendentemente retorna às três identificações freudianas nas últimas lições de *RSI*, situando-as no trisquel, entendo que ele está indicando a história dessa disposição do

*Parletre* diante desse *troumatisme*, e como cada um respondeu e responde à irrupção desse real da estrutura a partir das inscrições de suas marcas. Frente a irrupção do real traumático, a resposta do sujeito depende das identificações, ou seja, depende das marcas disponíveis pelo processo de identificação. Para tanto, ele vai lançar mão dos reviramentos do toro para demonstrar essas três operações.

Na lição de 08 de março de 1975 de *RSI*, ele afirma:

... a identificação, a identificação tripla, tal como ele avança [Freud], formulo-as da maneira como a defino. Se há um Outro real, não está em outra parte senão no nó mesmo, e é por isso que não há Outro do Outro. Esse Outro real, identificando-se ao seu Imaginário vocês tem então, a identificação da histórica ao desejo do Outro. Isso se sucede neste ponto central. Identifiquem-se ao Simbólico do Outro real: vocês têm, então, essa identificação que especifiquei pelo *einzigster Zug*, pelo traço unário. Identifiquem-se com o Real do Outro Real: vocês obtêm o que indiquei como o Nome-do-pai; e é aí que Freud designa o que a identificação tem a ver com o amor (Lacan, 1974-75/2002, lição de 18 de março de 1975, pp. 14-15, [comentários e tradução nossa]).

Lacan, portanto, retorna ao tema das identificações para poder esclarecer o laço do *parletre* com o Outro Real, esse Outro que convoca à invenção de uma suplência à relação sexual, e através do qual o sujeito vai incorporar esse vazio central que precisa de três para poder ser bordado. Essa identificação nodal vai possibilitar, portanto, uma suplência a não relação sexual (Vidal, 2017, p. 56). Se a identificação é uma tentativa de fazer Um, isso só pode ser feito a partir do três.

Já no seminário *RSI*, vai demonstrar que o um só se sustenta pelo três. Seu “nó Bo” só pode ser Um, a partir do três. Por isso mesmo que o trisquel é o ponto de ancoragem da teoria do nós. O trisquel, portanto, é um ponto. Ao contrário da geometria euclidiana que define o ponto como sem dimensão e como uma interseção de duas retas, Lacan (2002/1974-75) vai demonstrar que um ponto só pode ser concebido a partir de três retas, dispostas como no emblema das armas da Bretanha. É a terceira reta que impede que as duas outras deslizem uma sobre a outra, dando uma consistência. É neste ponto que vai situar o Outro real.



Figura 4. Trisquel

Quer dizer, o ponto de ancoragem da estrutura não é um ponto, mas um buraco. Obviamente que este buraco precisa estar incorporado, senão não teria efeito de estrutura. Exatamente por isso que Lacan retorna ao tema da identificação para articular a função da modulação com o Nome-do-Pai. Vai situar no trisquel a possibilidade de escritura das três identificações.

Para demonstrar as operações dessas três identificações, ele vai se utilizar do toro e dos seus reviramentos topológicos, isto porque, para ele, “uma topologia se funda sempre em um toro” (Lacan, 1976-77, p. 24). Revela, assim, a consistência real do toro e a sua relação originária com a identificação e com o corpo. Somos tóricos, o mundo é tórico, o corpo é tórico, “a estrutura do homem é tórica” (p. 35). Busca, com isso, escapar da lógica esférica na qual diz que Freud se manteve, tanto na relação com o saber como em sua relação com a verdade. Freud permaneceu “hisférico”, já que, de certa forma, mantinha uma topologia dual do interno e do externo.

Vou tentar demonstrar a correlação entre os reviramentos do toro com as identificações, seguindo, obviamente, o texto de Lacan no “L’insu...”. Mas preciso esclarecer que Lacan não estabelece a correlação direta entre esses reviramentos e as identificações. Ele apresenta algumas possibilidades e convida os analistas a fazerem este trabalho. Por isso mesmo não há propriamente um consenso nessas homologias. Vou seguir as indicações de Bouquier (1986), que também são acompanhadas por Clara Cruglak (2001) e Bousseyroux (2019), que acrescentam suas peculiaridades. Não vou me deter, tampouco, nas várias formas de reviramento do toro, por uma questão prática, já que me interessa apenas problematizar as três identificações e demonstrar o caráter de suplência e correção da identificação ao sintoma e à invenção do *sinthoma*.

Como disse acima, Lacan propõe reconhecer as três identificações freudianas como identificações ao Outro real, todas situadas e possibilitadas pelo trisquel, neste ponto de *coincidência* do nó.

Sugeri acima que as considerássemos três formas “his-tóricas” da constituição e da incorporação deste vazio originário e da origem da estrutura, assim como as possibilidades estruturais do sujeito de tratar o *troumatisme* originário, fazendo deste buraco sua toca. Ou seja, podemos situar mesmo as estruturas clínicas, tais como as neuroses, psicoses e autismos, a partir da lógica da incorporação e dos reviramentos do toro, que demonstram o ponto de nascimento negativo da estrutura, o gozo por onde o corpo e a carne se separam (Bousseyroux, 2019, p. 122), pelo processo de “corpsificação” e de esvaziamento do gozo do corpo (Lacan, 2003).

No que diz respeito ao reviramento do toro, ele pode ser operado tanto por perfuração (Figura. 5) como pelo corte (Figura. 6). Seja qual for o tipo, vai produzir o toro bastão ou toro trique (Figuras 7 e 8). Com este toro, Lacan identifica o corpo dos seres vivos com dois buracos (Lacan, 1976-77, p. 28).

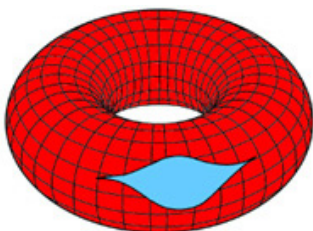


Figura 5. Perfuração

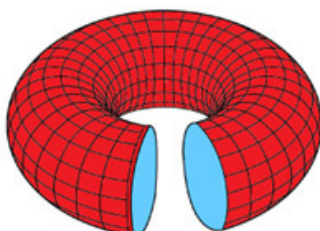


Figura 6. Corte

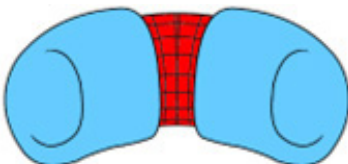


Figura 7. Toro trique

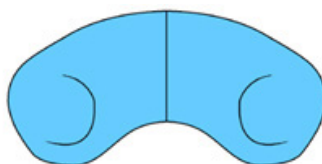


Figura 8. Toro bastão

Este primeiro reviramento (R1) poderia ilustrar a primeira identificação que estabelece a incorporação do vazio do Outro real.

Observem que o vazio central do toro passa a ser interno no toro trique. Lacan vai se utilizar desta operação de envelopamento para demonstrar como se poderia passar do interior para o exterior e vice-versa, pela lógica das identificações.

Essa incorporação originária funda o vazio estrutural constituindo, assim, o corpo como um saco e o ponto de ancoragem da estrutura, evacuando o gozo do Outro. Esse vazio, por sua vez, só se estabelecerá se o Outro se apresentar com sua falta real. Não por acaso este é o ponto de falha das identificações nas psicoses.

Nesta identificação há uma perfuração da estrutura, de maneira que o real fique por fora, expulso pela entrada do simbólico. Todo o processo de incorporação da linguagem e de corpsificação do corpo e de evacuação do gozo do Outro pode ser aqui demonstrada.

O segundo ocorre pelo reviramento (R2) de dois toros acoplados (A e B) na forma do abraço tórico, de maneira que o toro A acopla o toro B, que permanece não modificado. Cruglak (2001) identifica esse 2º reviramento à 2ª identificação ao simbólico do Outro real, equivalente à identificação ao traço unário quando o toro do sujeito se situa no lugar da falta do Outro e o suporta como marca de sua própria falta.

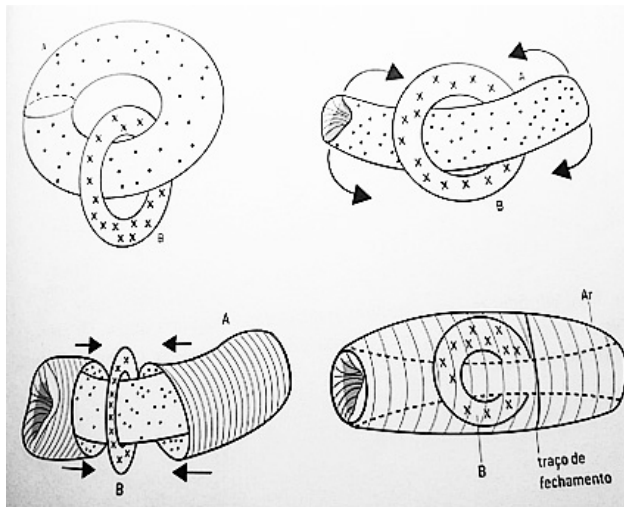


Figura 9. Reviramento 2 (R2).

O terceiro reviramento (R3) se dá a partir da condição de que um toro B esteja no interior absoluto (alma) do toro A. Operando um corte no toro A, ele se revira sobre o toro B, que permanece não modificado. Em seguida, opera-se um corte sobre o toro B e revirando-o sobre o toro trique Ar (Figura 10).

Cruglak (2001) identifica este último reviramento (R3), a terceira identificação ao imaginário do Outro real, como uma identificação ao desejo do Outro. É importante ressaltar, contudo, que este último reviramento (R3) equivale a uma soma dos outros dois (R1 + R2).

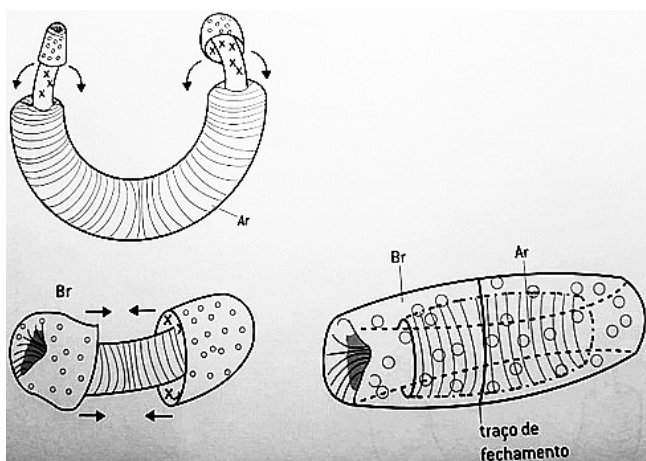


Figura 10. Reviramento 3 (R3).

Isso implica considerar que a série de identificações não equivale a uma sucessão cronológica, mas a uma sequência lógica e sincrônica. Só no três é que vai fazer um. Só a partir do terceiro tempo, com a identificação histórica, é que se conclui.

Temos, assim, três tempos lógicos: um tempo originário de incorporação do vazio; um segundo tempo, quando com o traço unário uma borda desse vazio será constituída na forma de uma moldura fantasmática, de maneira que o sujeito não permaneça solto no vazio; e um terceiro tempo, quando o objeto, enfim, será eleito, para se posicionar na borda do fantasma (Amigo, 2007).

Por isso mesmo as identificações apresentam as marcas his-tóricas do tratamento que foi dado ao *troumatisme* da estrutura. Entretanto, essas identificações são permitidas pela alienação nos significantes do Outro (A). A questão que se abre para Lacan, neste momento, é como o *Parletre* poderia ultrapassar sua relação religiosa com o Outro (A) e com o pai, inventando algo novo, prescindido deste, mesmo com a condição de nos servirmos dele (Lacan, 2007, p. 132).

A resposta de Lacan se encaminha pela identificação ao sintoma no fim da análise, identificação com o que há de mais real no sujeito. O quarto anel do *sinthoma* – essa invenção do fim de uma análise – muda as identificações freudianas, permitindo uma identificação ao sintoma.

A identificação ao sintoma, portanto, é mais uma volta que o *Parletre* opera para inventar uma suplência e um saber-aí-fazer com o buraco, onde ele mesmo habita. A invenção do *sinthoma*<sup>1</sup> é o fio que vai atravessar o buraco do trisquel, comprovando sua ex-sistência e enodando por meio das três identificações, o Real, o Simbólico e o Imaginário.

Através da operação de identificação ao real, ao simbólico e ao imaginário do Outro Real, o *Parletre* incorpora os três vazios da estrutura que Lacan formulou com seus axiomas sustentados pela lógica do “não há”. Observem que os campos de ex-sistência onde se localizam o sentido, o gozo fálico e o gozo do Outro têm como interseção exatamente o ponto de *coiñage* do trisquel onde se situa o objeto *a*. Este buraco está lá e precisa ser incorporado, exatamente para que o *Parletre* possa produzir um saber-aí-fazer com esse três “não-há”.

O buraco do trisquel e o objeto *a* indicam o não-sentido – *no sense* – quando esburacam o sentido; da mesma forma, limita o gozo fálico, demonstrando que “não há relação sexual”. E, por outro lado, perfura o gozo do Outro, confirmando que “não há Outro do Outro”. Só esses três dizeres do real, na forma de um saber do real, permitem que a estrutura, assim incorporada, estabeleça o vazio, o traço e o desejo.

A identificação ao sintoma e a invenção do *sinthoma* possibilitam, assim, uma conjugação das identificações com esses três gozos, e um tratamento singular, inédito, que possibilita ao sujeito a invenção de um significante novo que revira e dissolve a realidade psíquica, para além do campo do Outro(A) e do pai.



## IR MAIS LONGE QUE O INCONSCIENTE

Pois bem, diante deste fracasso da estrutura em sua forclusão originária, do insucesso do saber inconsciente, da variedade da verdade, e da equivocação de *lalíngua*, a pergunta que emerge é contundente: o que pode fazer o sujeito diante deste real, ou melhor, disto que resta do real?

A resposta que Lacan apresenta no seminário “L”insu...”, é “... introduzir algo que vai mais longe que o inconsciente” (p. 18). Mas, o que isso quer dizer? Para tentar responder, vou desviar por outra questão que Lacan retoma também no seminário “L’insu...” e que diz respeito ao que o sujeito se identifica no final da análise (p. 20). Vai se antecipar e confirmar que não é com o analista, nem com o ideal (I), nem tampouco com o inconsciente, já que o inconsciente permanece sendo o Outro. Vai propor, então, uma identificação com o sintoma.

Vou tentar expor como entendo esta problemática. Mas gostaria de rapidamente sinalizar como aqui temos uma primeira resposta sobre o porquê retornar às identificações. Entendo que Lacan está propondo que a operação da identificação – que é permanente – é a resposta primordial do sujeito para lidar com esse encontro com o real. Porque a identificação e com o que se identifica é o que buscarei esclarecer.

Desde o *RSI* (2002/1974-75) e em “A terceira” (2002/1974), Lacan define o sintoma como uma suplência ao inconsciente e como uma cifra de gozo em sua função de letra. Onde o inconsciente fracassa, um sintoma busca dar sentido ao Real deste fracasso, na forma de uma nomeação do simbólico. A proposta radical de Lacan neste momento é que a análise faça o sujeito retornar ao fracasso originário da estrutura, que vai denominar de uma “forclusão originária”, para produzir aí, não um saber, mas um *savoir-y-faire*, um saber-aí-fazer com o real que cai, que não cessa de não se inscrever. Um saber no real, um *l’insu* se sobrepõe ao saber inconsciente.

Identificar-se com o sintoma deixa de ser identificar-se com o sintoma do objeto amado, da terceira identificação freudiana, e passa a ser se identificar com o “seu sintoma”, o sintoma do Um (Laurent, 2016, p. 82), que não é outra coisa que o seu corpo, ou o fato de “ter um corpo”. Ora, não é esse corpo do real “que não se sabe como ele aparece” (p. 10), com sua secreção de gozo e com seus buracos, que está sempre escapando da inscrição significante?

Saber-aí-fazer com o fracasso do inconsciente e com esse real que comparece a partir deste fracasso, equivale a um saber-fazer com a sua debilidade, a partir da nomeação do real. Por isso, a topologia dos nós é tão importante neste momento, já que é uma forma de demonstrar e inventar um saber-fazer com a debilidade da estrutura. É com a equivocação que trabalhamos, quando trabalhamos com a topologia, especialmente a dos nós. Não se trata mais de produzir sentido, como na primeira concepção de inconsciente, mas de tratar o “fora-de-sentido” próprio ao traumatismo da equivocação de *lalíngua*, assim como cifrar a efração do gozo no corpo (Laurent, 2016, p. 82).

Esclarecendo o que propunha como identificação com o sintoma, Lacan (1976-77) confirma que o sintoma é aquilo que se conhece, no sentido de “saber lidar com (*savoir-faire avec*) esse sintoma, saber desembaraçá-lo, saber manipulá-lo...” (p. 8). E conclui: “saber se virar (*savoir y faire*) com o seu sintoma está aí o fim da análise”. (p. 8). Se identificar com seu sintoma é saber-fazer com a marca de gozo que lhe é própria, dela se desembaraçar e saber manipulá-la (Bousseyroux, 2019). Nesse ponto, o sujeito reconhece que o sintoma porta o que há de mais real no sujeito.

Como disse, a via que a análise vai buscar para esse tratamento do real não é pela lógica do sentido, mas pela função da nomeação. Desde o *RSI* que Lacan desvela essa função como uma suplência à insuficiência do falo para nomear os gozos do corpo. Inibição, sintoma e angústia são tratados por ele como nomeações do imaginário, do simbólico e do real, respectivamente, ou seja, como tentativas de suplência diante da irrupção do real proveniente do *troumatisme* original.

Entretanto, Lacan (1976-77) está propondo agora uma outra nomeação que faça suplência ao Nome-do-Pai e ao falo, como uma resposta do sujeito no fim da análise. Trata-se de uma “nomeação sinthomática”, ou seja, uma nomeação que invente algo novo, mais além do saber inconsciente, estabelecendo outro enodamento entre o imaginário, o simbólico e o real. O fim da análise deixa de ser uma busca pela verdade, deslocando-se para uma forma de lidar com a *varité*, essa variedade da verdade, a partir da identificação ao sintoma.

Trata-se agora de, através da nomeação, produzir uma invenção sinthomática, que já não guarda nenhuma relação com o sentido, nem

com o saber inconsciente recalcado, que permite ao sujeito “prescindir do Nome-do-Pai, conquanto que possa dele se servir” (Lacan, 2007, p. 132). Como explica Bousseyroux (2018), é uma forma de “...se servir do sintoma como um sinthoma que nomeia (p. 232) [tradução nossa]”

A partir da insuficiência do Nome-do-Pai, o sujeito deve transformá-lo no Pai-do-Nome, de forma que, a partir das suas falhas, o *Parletre* possa, servindo-se da suplência do sinthoma, inventar sua singularidade, nominando esse real. Entretanto, essa nomeação não deve mais estabelecer a suplência por meio do saber inconsciente e do recalcado, pois, se assim o for, permanecerá na lógica do sintoma e do sentido. Corrigir pelo sinthoma não é a mesma coisa que corrigir pelo sintoma (Dias, 2006, p. 100). Com o sinthoma opera-se uma cifra do real, uma nomeação do gozo que enlaça RSI. Isso permitirá ao sujeito se desembaraçar do gozo parasitário que a lógica do fantasma mantém na relação do sujeito com o Outro.

Se o sintoma foi uma nomeação simbólica para fazer suplência à insuficiência do Nome-do-Pai, é a partir desta falha da função paterna e desta fibra do Nome-do-pai que o *Parletre* vai inventar uma identificação com algo apropriado, oriundo do seu sintoma. Trata-se de saber-fazer com o “gozo maldito” que sustentava o compromisso com o sintoma, inventando uma outra satisfação. Não se trata mais de gozar do seu inconsciente, mas de amar seu inconsciente. É esse amor que vai fazer o gozo condescender com o desejo (Amigo, 2014, p. 106).

O ato analítico é o que vai articular o atravessamento do fantasma à identificação ao sintoma e à produção do sinthoma. A partir do esvaziamento do gozo do Outro (A) pelo atravessamento do fantasma, e a consequente desobstrução do tampão fantasmático (Amigo, 2014, p. 105), o *Parletre* poderá dispensar o pai, mas se servir desta fibra do Nome-do-Pai para inventar e enodar com seu sinthoma.

Essa operação Lacan a descreve como um desenodamento pontual do nó borromeano de três no fim da análise, para daí reenodá-lo a partir do quarto elo do sinthoma. Isto vai permitir ao *Parletre* utilizar o gozo para outros fins. O sinthoma possibilita ao *Parletre* outra nomeação do gozo do corpo para além do falo e do Nome-do-Pai, elevando, assim, o nome próprio.

Trata-se de uma operação semelhante à de Joyce, que utilizou seu nome próprio para prescindir e corrigir a falha do Nome-do-Pai (Lacan, 2007). Se assim o for, um outro tratamento ao corpo e ao gozo é possibilitado pela via de uma elevação do *Parletre* na forma de um *escabeau* (escabelo). Entretanto, não é o mesmo enodamento que Joyce operou, fazendo uma correção no cruzamento entre o real e o simbólico, através do “Ego” construído como um *escabeau* (Lacan, 2007). Se servir do sintoma para nomear com o *sinthoma* funciona como uma suplência à corda do simbólico, já que o *sinthoma* e o simbólico fazem um par no nó de quatro.

Curiosamente, Lacan encontra uma saída pela via da estética. Uma estética que promove uma singularidade. Considero que esta é uma resposta profundamente antirreligiosa de Lacan, diante da acusação de uma religiosidade recalçada de Freud, que promoveu o lugar do pai como referência central na estrutura. Estamos, pois, diante da possibilidade de prescindir do Nome-do-Pai, com a condição de nos servirmos dele (Lacan, 2007, p. 132), mas também perante uma condição de escapar do Outro (A) que não existe, assim como da realidade psíquica que é sempre religiosa (Lacan, 1976-77). O *sinthoma* implica uma invenção, uma liberdade e uma subversão de toda essa estrutura simbólica, sempre religiosa. Tal como Joyce que, mesmo diante da impositiva lógica estrutural da linguagem, a subverteu inventando uma outra escrita.

## REFERÊNCIAS

- Amigo, S. (2007). *Clínica dos fracassos da fantasia*. Rio de Janeiro, Companhia de Freud.
- Amigo, S. (2014). *La autorización del sexo y otros ensayos*. Buenos Aires, Letra Viva.
- Bouquier, J.-J. (1986). Retornamiento de toros e Identificación. *Análítica* 46, Navarin, Paris.
- Bousseyroux, M. (2018). *Au risque de la topologie et de la poesie. Élargir la psychanalyse*. Toulouse, Éditions Erès.
- Cruglak, C. (2001). *Clínica da identificação*. Rio de Janeiro, Companhia de Freud.
- Dias, M. G. L. V. (2006, janeiro/junho). Le sinthomem. *Revista Ágora*, IX(1), 91-101.
- Freud, S. (1921/2011). Psicologia das Massas e Análise do Eu. In S. Freud. *Obras Completas, volume 15: Psicologia das Massas e Análise do Eu e outros textos (1920-1923)*. tradução Paulo César de Souza. São Paulo, Companhia das Letras.
- Freud, S. (1912-13/2012). Totem e Tabu. In S. Freud. *Obras Completas, volume 11: totem e tabu, contribuições à história do movimento psicanalítico e outros textos (1912/1914)*. Tradução Paulo César de Souza. São Paulo, Companhia das Letras.
- Freud, S. (2011/1923). O Eu e o Id. In S. Freud. *Obras Completas, volume 16: O eu e o id, “autobiografia” e outros textos (1923-1925)*. tradução Paulo César de Souza – São Paulo, Companhia das Letras.
- Harari, R. (2002). *Como se chama James Joyce? A partir do seminário Le Sinthome de J. Lacan*. Salvador, Ágalma.
- Koren, D. (2009). RSI – 1974-1975. In M. Safouan. *Lacanianas II: los seminários de Jacques Lacan. 1964-1979*. Buenos Aires, Paidós.
- Lacan, J. (1976-77). *L'insu que sait de l'une-bévue s'aile à mourre*. Inédito. Recuperado de <http://staferla.free.fr/S24/S24%20L'INSU....pdf>
- Lacan, J. (2002/1974-75). *RSI. Seminários dos anos 1974-75*. (Versión Crítica) Publicación para Circulación interna de la Escuela Freudiana de Buenos Aires. Mimeografada.
- Lacan, J. (2002/1974). A terceira. In A. Ferreto et al. (2002). *Caderno Lacan. 2*. Porto Alegre, Associação Psicanalítica de Porto Alegre.

- Lacan, J. (2003/1961-62). *A Identificação*. Seminário de 1961-1962. Publicação interna do Centro de Estudos Freudianos do Recife (CEF – Recife).
- Lacan, J. (2007). *O Seminário, livro 23: o sinthoma*, 1975-76. Rio de Janeiro, Jorge Zahar.
- Lacan, J. (2008/1968-69). *O Seminário, livro 16: De um Outro ao outro*. Rio de Janeiro, Jorge Zahar.
- Lacan, J. (2003). Radiofonia. In J. Lacan. *Outro Escritos*. Rio de Janeiro, Jorge Zahar.
- Laurent, E. (2016). *El reverso de la biopolítica*. Olivos, Grama Ediciones.
- Lemosof, A. (2009). La ignorancia que sabe de la equivocación (se va a la morra). In M. Safouan. *Lacanianas II: los seminários de Jacques Lacan*. 1964-1979. Buenos Aires, Paidós.
- Milner, J.-C. (1996). *A obra clara: Lacan, a ciência e a filosofia*. Rio de Janeiro, Jorge Zahar.
- Porge, E. (1998). *Os nomes do pai em Lacan*.
- Ruiz, C. *Topología en la relación entre estructura y teoría*. Mimeo. s/d.
- Ruiz, C. *Inversiones del toro e identificación*. Mimeo.
- Vidal, E. (2017). Se a Polônia não existisse... Identificação e topologia. *Identificação*. Revista da Escola Letra Freudiana. Ano XXXVI, 49. Rio de Janeiro, 7letras.

## NOTAS

- <sup>1</sup> Lembro que Lacan (2007) no seminário “O Sinthoma” recupera uma escrita antiga do sintoma, em francês “sinthome”, para sugerir essa invenção do sujeito.